

Surpreendido pelo Poder do Espírito. Por Jack Deere. Traduzido por João Marques Bentes. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995. 286 pp.

Surpreendido pelo Poder do Espírito, surpreende desde o princípio. A capa coloca em desnecessário confronto o Seminário Teológico de Dallas e a idéia de que Deus continua a falar e a curar nos dias de hoje. Falsa antítese: a questão não é *se*, mas *como*. As surpresas continuam pelo fato do autor ser apresentado como *professor* da referida instituição, de onde foi exonerado em 1987! Já que a capa do original indica claramente que Jack Deere é *ex-professor*. Dada a qualidade do tradutor do livro, devo concluir que a omissão é uma questão mercadológica, e, seja este o caso, um desserviço ao leitor.

Foi meu privilégio estudar Antigo Testamento com Jack Deere e conheço de perto sua peregrinação espiritual em direção ao movimento de que hoje é um embaixador, o Vineyard, iniciado na Califórnia por John Wimber. Conheço as condições em que se deu sua mudança de posição com respeito à atuação do Espírito Santo, que não são completamente descritas em *Surpreendido* – o materialismo e a sofisticação de vida típicos dos yuppies dos anos 80 que retratam – como ele mesmo afirmou em entrevista ao jornal *Dallas Morning News* em 1988, um esfriamento espiritual que era maquiado pelo envolvimento com a igreja em Fort Worth e o Seminário em Dallas. *Surpreendido* sugere que a culpa de tudo se devia a uma doutrina fundamentalista estagnada, mas o próprio Deere sabe, e já disse, que o problema era ele. Feita esta colocação histórico-pessoal, vamos à análise do livro em si.

Surpreendido descreve e defende as razões de Deere para abandonar o cessacionismo em favor da atualidade dos "sinais e maravilhas". O livro é um tratamento popular do assunto, mas é das mais lúcidas defesas da chamada terceira onda do movimento carismático.

A formação teológica de Deere o faz conhecedor dos argumentos cessacionistas, alguns dos quais ele refuta com justiça (e. g., a idéia de que Paulo, necessariamente, teria perdido seus poderes miraculosos, p. 242). Sua refutação da idéia defendida por John MacArthur de que houve apenas três períodos básicos de atividade

miraculosa na Bíblia é bem articulada, embora lhe falte a clareza de distinguir entre o manifestamente sobrenatural (geralmente associado a algum período inicial de revelação, de fato mais de três, inclusive o período de Daniel, que ele cita, p. 256) e o sobrenatural “contínuo” (que seria associado à atividade literária e exortativa dos profetas, por exemplo). Sua definição elástica de milagre é que delimita sua crítica.

Quando desafia os cessacionistas a explicar os diversos casos documentados de curas associadas a declarações proféticas, Deere expõe claramente sua tese: não há argumentos bíblicos que garantam a cessação dos dons milagrosos, e as experiências (particularmente as suas) demonstram que curas e profecias continuam em nossos dias. Embora esteja correto ao afirmar que nenhum texto diretamente afirma a cessação dos dons com a morte do último apóstolo (nem todos os cessacionistas afirmam isso), e que a discussão é basicamente uma avaliação do registro histórico e das experiências atuais, Deere negligencia um fator crucial: uma comparação entre os fenômenos de cura e de profecia que servem de base à sua crença e as descrições e definições bíblicas dos mesmos fenômenos. Outros pró-carismáticos (e. g., Wayne Grudem) já fizeram isso, mas Deere simplesmente presumiu a absoluta identidade entre o neo-testamentário e o atual. A partir dessa pressuposição, não é de admirar que tenha chegado às conclusões que chegou.

Louvem-se a coragem e a habilidade de Jack Deere em contestar uma obra reputada por muitos como definitiva, *Counterfeit Miracles*, de B. B. Warfield. Ao fazê-lo, todavia, Deere abre excessivamente as lentes contra os gigantes das diversas épocas, e as fecha aos abusos dos líderes carismáticos contemporâneos, cujas experiências ele não distingue claramente as suas. Como a primeira edição inglesa do livro data de 1993, por exemplo, *Surpreendido* não trata dos recentes acontecimentos em Toronto, originados numa Igreja Vineyard. Por falta de avaliação bíblica dos fenômenos - riso do Espírito, grunhidos, rugidos e vômitos supostamente provocados pelo Espírito, (e a lista vai crescer) - que Wimber e Beere inicialmente aprovaram, o nome de Cristo e o próprio movimento carismático moderno sofreram nas mãos da mídia secular. Infelizmente (para eles), Wimber, Deere e outros teóricos do Vineyard, tiveram que engolir seu endosso inicial à Bênção do Toronto, que recentemente repudiaram e condenaram por escrito. Essa falta de percepção parece algo surpreendente para pessoas de tamanha intimidade com o Espírito Santo!

Desapontaram-me, também, a seletividade com que os abusos dos fundamentalistas foram narrados, algumas insinuações espalhadas pelo livro (a começar da capa), e a incoerência implícita de Deere quando afirma que revelações e profecias contemporâneas nada adicionam ao cânon (p. 205), mas cita pronunciamentos proféticos contemporâneos com a convicção de que são dotados da

mesma autoridade das Escrituras. Sua sugestão de que antes não podia abordar a Bíblia com objetividade mas agora sim, pode fazê-los (p. 206), soa preconceituosa e arrogante. Ao gongo do livro suas novas pressuposições ficam em alto-relevo.

O capítulo 13 é um dos pontos altos do livro. Ali Deere revela um equilíbrio que, no meu entender, seria o ideal da vida cristã, paixão por Deus com fidelidade às Escrituras. Que ele tenha pintado tal atitude como impossível ao cristão “tradicional” (e especialmente ao teólogo tradicional) é de se lamentar.

Surpreendido traz pequenas marcas de “pressa” editorial. Erros de concordância (singular x plural, p. 28), gênero (haja vista o crescimento..., p. 206) de composição (paulo, p. 71), e de transliteração (*xarisma*, pp. 69-70), devem ser corrigidos para aperfeiçoar a sua segunda edição.

Deere não foi o primeiro, nem o primeiro carismático a questionar os argumentos tradicionais dos cessacionistas. Por fazê-lo em nível popular e quase autobiográfico, trouxe o debate para fora do gueto teológico, e só por isso merece parabéns. Tradicionais precisam ler este livro para entender a nova abordagem carismática aos fenômenos de seu movimento. Carismáticos da segunda e da terceira onda devem lê-lo para perceber que é possível argumentar sua crença pneumatológica. *Surpreendido* é leitura obrigatória, mesmo para os que, como eu, se mantêm céticos quanto às pressuposições e conclusões de seu autor.

Carlos Osvaldo Pinto
Seminário Bíblico Palavra da Vida